

O rádio vai ao cinema: processos comunicacionais¹

Maria Filomena SALEMME²
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

Resumo

O presente artigo almeja observar a atuação do rádio como agente mediador no processo construtivo da sociedade. Por meio do cinema, utilizando como ferramenta filmes que tenham o tema rádio inserido na história, revelar ¹o papel deste veículo sonoro no cotidiano dos ouvintes. E ainda uma análise da audiência que deixa de ser passiva e transforma o rádio em intermediador, parceiro e porta-voz. O artigo faz uma célere análise do panorama de filmes nacionais e estrangeiros que têm o rádio como parte do enredo e concentra o foco nos filmes *Fale comigo*, (do original *Talk to me* 2007) e *Verdades que matam* (do original, *Talk Radio*, 1988), que retratam o rádio, como um espaço político por meio da interatividade com os ouvintes.

Palavras-chave: rádio; cinema; interatividade, ouvinte.

Introdução

Este artigo se propõe a analisar a atuação do rádio no cotidiano das pessoas e estudar a influência deste veículo de comunicação no dia a dia dos ouvintes. Para tal a pesquisadora vai se utilizar das imagens produzidas pelo cinema. Ao longo dos anos o rádio vem sendo tema de vários filmes tanto no Brasil como em produções estrangeiras. A proposta de servir-se do cinema para pesquisar o papel do rádio na vida da sociedade é ter um olhar mais amplo, uma vez que ao retratar o rádio, ora como protagonista, ora como parte do enredo da história que ali está apresentada, o cinema desvenda este veículo de comunicação em seus vários contornos. Em um longa-metragem, que apresenta o rádio como tema, é possível observar os dois lados da comunicação sendo representadas, emissor e receptor.

A pesquisa para elencar os filmes que são citados nesse artigo foi feita a partir do estudo *O Rádio no Cinema Brasileiro* realizado por Doris Fagundes Haussen. O estudo traçou um panorama dos filmes em que o rádio faz parte do enredo e no qual foram analisadas 109 películas.(HAUSSEN, 2010).

¹Trabalho apresentado no DT4- GP Rádio e Mídia Sonora, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestranda em Comunicação Social pela Faculdade Cásper Líbero. Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir. Email: filomenasalemme2102@gmail.com

1

A escolha pelos títulos, *O Ebrio* (1946), *A família Lero-lero*(1953) *Joelma Vigésimo terceiro andar*(1979) *Pra Frente Brasil* (1983) e *O Signo da Cidade*(2007), para citação nesse artigo foi proposital para exemplificar situações distintas, uma vez que cada filme foi produzido em uma época diferente e cada qual expõe uma característica do rádio. Já os filmes estrangeiros foram escolhidos por meio de pesquisa na internet, em sites especializados em cinema. Os títulos selecionados e citados, *A era do rádio* (no original, *Radio Days*, 1987), *Bom dia Vietnã* (no original *Good morning Vietnam*, 1987), *Os Piratas do Rock* (no original *The boat that rocked*, 2009) foram escolhidos por revelarem, cada um a seu modo, uma visão do papel do rádio na sociedade.

Os filmes *Fale comigo*, (no original *Talk to me* 2007) e *Verdades que matam* (no original, *Talk Radio*, 1988), foram destacados para análise nesse artigo porque são duas obras baseadas em fatos verídicos, que retratam a vida de dois personagens importantes na história do rádio americano. Nos dois longas é possível analisar o rádio sendo utilizado como instrumento para exercer cidadania.

Um breve perfil histórico

Como ponto de partida para análise, é interessante conhecer, brevemente, a história desses dois meios de comunicação que tanto influenciaram e continuam influenciando a sociedade contemporânea.

Um sistema de comunicação por meio de ondas eletromagnéticas propagadas em diversas frequências no espaço. Espaço esse onde convivem um transmissor e um receptor. Assim poderíamos explicar singelamente o rádio, no entanto, a descrição elementar fica muito aquém do que representa na sociedade este veículo que tem na essência difundir informação e entreter, desde a sua invenção.

Na conjuntura da invenção é importante uma observação para abordar sobre a controvérsia da paternidade da criação da transmissão de ondas sonoras sem fio. Não há uma unanimidade mundial a propósito do autor desta descoberta que, após o invento do telégrafo e da radiocomunicação, revolucionou a comunicação. No Brasil, há uma corrente que rotula o padre Landell de Moura como o “pai do rádio”. O livro “*Padre Landell de Moura: um herói sem glória* (2006), escrito pelo jornalista Hamilton Almeida, narra a trajetória do padre

cientista que realizava experimentos de recepção e transmissão e, em 1900: “Ao transmitir a voz, o Padre Landell de Moura se diferenciou de Guglielmo Marconi; O cientista italiano inventou o telégrafo sem fio, ou seja, a transmissão de sinais em código Morse (conjunto de pontos e traços), e não o rádio tal como o conhecemos”, relata o autor em artigo para o jornal Folha de São Paulo (2010). No entanto, o nome mais conhecido no exterior quando se trata da invenção do rádio é do inventor e cientista italiano Guglielmo Marconi.

As experiências sobre radiodifusão tinham começado muitos anos antes, desde 1896, quando Guglielmo Marconi conseguiu transmitir a voz através de ondas elétricas na histórica experiência em Pontecchio, próximo de Bolonha, criando, na prática, a primeira antena irradiadora (LOMBARDI, 1987, p.183).

Em seu livro História do Rádio no Brasil, a autora Magaly Prado, relata que a invenção do rádio desde da existência deste veículo é atribuída ao cientista italiano Guglielmo Marconi. A autora, no entanto, acrescenta “Embora a maior parte da literatura apresente Marconi como o inventor, há também livros, bem como pesquisas acadêmicas, que apresentam informações sobre as experiências pioneiras de Landell, e parte desses autores o consagra como o criador do rádio”(PRADO, 2012).

Há diferenças nas invenções dos dois cientistas. Marconi conseguiu a transmissão de sinais telegráficos, sem fios, em código Morse, denominado radiotelegrafia. No início do século XX, conseguiu a transmissão com voz humana. Já Landell foi o pioneiro na transmissão a distância, sem fios da voz humana, por meio de ondas eletromagnéticas. De toda forma, os dois cientistas contribuíram, cada um naquilo que lhe coube, para o mundo da comunicação de massa (PRADO, 2012 p.27) Em 1896, o cientista Italiano Guglielmo Marconi registra a patente pela invenção do rádio. Enquanto que, no Brasil, só em 1901 o Padre Landell de Moura consegue a patente para o aparelho destinado à transmissão fonética à distância, com fio e sem fio, através do espaço, da terra e do elemento aquoso. “O pedido de privilégio foi matriculado sob o número 2.274, e a patente recebeu o número 3.279. Jules Geraud&Cia. assinaram o documento como seus procuradores” (ALMEIDA, 2006 p. 69).

Se a escrita revolucionou a comunicação, permitindo ao homem o registro das ideias, memórias e a perpetuação das informações, a invenção do rádio (no final do século XIX), massificou a comunicação, facilitando a disseminação de informações.

Sincronicamente, na mesma época entre 1893 e 1895, outra invenção iria revolucionar a atmosfera da difusão. Em 1893 acontecem as primeiras exposições de películas, quando Thomas A. Edison registra nos Estados Unidos a patente do quinetoscópio que seria o precursor do projetor cinematográfico. E a primeira apresentação cinematográfica paga foi registrada em Paris em 28 de dezembro de 1895, pelos irmãos Louis e Auguste Lumière

(COSTA, 2006). Assim como o rádio, no cinema também temos controvérsias quanto a invenção,

Em primeiro de novembro de 1895, dois meses antes da famosa apresentação do cinematógrafo Lumière no Grand Café, os irmãos Max e Emil Skladanowsky fizeram uma exibição de 15 minutos do bioscópio, seu sistema de projeção de filmes, num grande teatro de Vaudeville em Berlim. Auguste e Louis Lumière, apesar de não terem sido os primeiros na corrida, são os que ficaram famosos. Eram negociantes experientes, que souberam tornar seu invento conhecido no mundo todo e fazer do cinema uma atividade lucrativa, vendendo câmeras e filmes (COSTA, 2006 p.19).

A capacidade de replicar a sensação de movimento despertou o fascínio do público por este meio de comunicação. (COSTA, 2006).

Os aparelhos que projetavam filmes apareceram como mais uma curiosidade entre várias invenções que surgiram no final do século XIX. Esses aparelhos eram exibidos como novidade em demonstrações nos círculos de cientistas, em palestras ilustradas e nas exposições universais, ou misturados a outras formas de diversão popular, tais como circos, parques de diversões, gabinetes de curiosidades e espetáculos. (COSTA, 2006 p.17).

O rádio no escurinho do cinema

Neste tópico do artigo poderia explicar como o rádio e o cinema caminharam juntos desde a invenção. No livro *Estudos de Cinema Socine*, os autores relatam sobre a proximidade destes dois veículos e citam exemplos de produções cinematográficas, em vários países do mundo influenciadas pelo rádio e até de sucessos do cinema adaptados para virarem programas de rádio. No entanto não vou me alongar neste quesito, quanto a intersecção entre o rádio e o cinema, pois desviaria do objeto deste artigo.

O objetivo deste artigo, como já explanado na introdução é visualizar, por meio do cinema, as potencialidades do rádio enquanto mediador no processo construtivo da sociedade. E neste sentido vale ressaltar que a junção destas duas mídias, o rádio e o cinema, amplia a linguagem sonora e nos revela o comportamento destes dois meios de comunicação como intermediários na conjuntura do modo de vida e no cotidiano do cidadão na sociedade.

Em *Ensaio sobre o rádio e o cinema*, o autor Pierre Schaeffer relata que o rádio e o cinema não têm o papel exclusivo de transmitir imagens e sons, mas de dizer alguma coisa.

“A imagem de um objeto, a modulação de um ruído já não nos chegam como tais, em função tanto da significação que lhes é associada quanto da sugestão da qual são portadoras” (SCHAEFFER, 2010),

O rádio e o cinema efetuam o que se chamava propriamente de “prodígios”, pois já não é só sobre a matéria que se triunfa, é sobre as categorias da matéria

e do espírito, sobre as grandezas que constituem seu campo. Seus dons são os do feiticeiro e os do mago: ubiquidade e simultaneidade. (SCHAEFFER, 2010 P. 55)

Ao retratar o rádio na telona o cinema desvenda este veículo de comunicação que tem o som como matéria prima. No momento em que é narrado na produção de uma película, o rádio que se mostra nas telas de um filme vai muito além do ouvir. Quando chega ao cinema, o rádio pode ser visto em seus vários contornos.

O filme converte o rádio em imagens, transporta o ouvinte/expectador para o interior de um estúdio radiofônico e expõe os bastidores da “caixinha falante” com a veracidade que só o cinema que mescla a ficção e a realidade pode desvendar. Na tela, são revelados os mecanismos e as engrenagens que compõem e formam uma emissora de rádio. No livro de Jacques Aumont, *Teoria dos Cineastas*, é possível entender esta mistura de ficção e realidade como uma das características da arte cinematográfica:

O cinema escreve a realidade tal como ela escreveria a si mesma caso se escrevesse (sem escrita de tipo verbal). O cinema faz surgir em nosso pensamento categorias da realidade que nosso cérebro sozinho não percebeu bem ou congelou demais em leis universais. Essas duas teorias são, no fundo, variantes singulares de uma ideia mais ampla: a de que o cinema “revela” a realidade – faz com seja vista como é (AMOUNT, 2002, p.72).

No transcorrer do tempo, o rádio vem sendo retratado no cinema em distintos estilos, tanto no cinema nacional como na cinematografia estrangeira.

A produção cinematográfica brasileira, a partir das décadas de 40 e 50, apresenta um impulso com a criação das Companhias Atlântida e Vera Cruz, o que vai de encontro a *era de ouro do rádio* que navega entre anos 30 até final dos anos 50. Neste período podemos registrar no cenário do cinema nacional, uma produção ativa de filmes com a inserção do tema rádio no enredo, ora como personagem principal e fundamental na trama, ora como coadjuvante. São muitos os títulos em que o cinema e o rádio se unem para contar uma história, seja ela fictícia ou uma narrativa verídica. Como exemplos podemos citar na década de 40, o filme da diretora Gilda Abreu, *O Ébrio* (1946) que conta a história de um cantor que vem tentar a sorte na capital. O rádio tem um papel importante no enredo, uma vez que era o principal veículo de comunicação na época. Em uma produção da Companhia Vera Cruz de 1953, a película *A família Lero-lero* do diretor Alberto Pieralisi, revela em um dos segmentos, uma cena comum do cotidiano da época, ou seja, uma família reunida para ouvir um programa de rádio. Já em 1980 o rádio aparece como retrato fiel da realidade,

com o papel essencial que este veículo exerce hoje, que é a prestação de serviços. O filme *Joelma Vigésimo terceiro andar*, do diretor Clery Cunha, mostra os personagens sendo informados sobre o terrível incêndio pelo rádio. O mesmo ocorre na fita de 1983 do diretor Roberto Farias; Em *Pra Frente Brasil*, é por meio das ondas do rádio, que os personagens recebem notícias sobre a Copa do Mundo de 70 e também sobre a Ditadura militar (HAUSSEN, 2010). Chegando a uma etapa mais contemporânea em 2007 o filme *O Signo da Cidade*, do diretor Carlos Alberto Riccelli, insere o rádio como principal intermediário para conversação entre os personagens e exhibe a mídia com uma das particularidades que o rádio apresenta, que é o companheirismo. A personagem da atriz Bruna Lombardi é uma astróloga que por meio do seu programa em uma emissora radiofônica ouve e interage com os anseios e problemas de seus ouvintes solitários.

Na cinematografia internacional o rádio é retratado em diferentes performances que revelam as facetas e papéis exercidos por este veículo em uma sociedade. O longametragem, *A era do rádio* (no original, *Radio Days*, 1987), dirigido por Woody Allen, mostra em sua plenitude a centralidade do veículo rádio na vida das pessoas. Uma época em que a magia do rádio versava principalmente no fato de não ter imagens e incitar a imaginação do ouvinte. Os anos 60 são retratados na película do diretor Barry Levinson, *Bom dia Vietnã* (no original *Good morning Vietnam*, 1987), que têm a guerra como tema central, o veículo rádio surge como parte significativa da narrativa, quando um disc-jóquei satiriza a batalha em seu programa radiofônico diário para as tropas americanas, e provoca a ira das autoridades superiores. Até mesmo as rádios ilegais (piratas) aparecem no cenário cinematográfico internacional, o diretor Richard Curtis se inspira em episódios verídicos e produz uma sátira com o título *Os Piratas do Rock* (no original *The boat that rocked*, 2009) que revela a história de uma rádio pirata que transmitia direto do interior de um barco para burlar as autoridades e faz um sucesso estrondoso ao tocar o que o público quer ouvir na época, rock'n roll.

O rádio revelado no cinema: instrumento político

“O rádio é seu vizinho, ninguém mais fala com ninguém”; a frase pronunciada no longa *Verdades que matam* (no original, *Talk Radio*, 1988) dirigido por Oliver Stone - em uma das

várias cenas em que o locutor Barry Champlain da rádio KGAB, interage com o ouvinte da cidade de Dallas no estado americano do Texas – revela o poder deste veículo como intermediador da sociedade. O apresentador é o personagem central desta película rodada na década de 80. Na trama, que tem a mídia rádio como protagonista, o programa de rádio apresentado por Barry Champlain, *Conversa da Noite* (no original, *talk tonight*) é um dos mais populares da cidade.

Nesta mesma perspectiva o filme *Fale comigo* (no original *Talk to me*, 2007) da diretora Kasi Lemmons, traz o rádio no enredo para narrar a biografia de um personagem que marcou uma geração nos Estados Unidos utilizando este veículo de comunicação para dar voz contra o racismo pujante naquele período.

Em *Fale Comigo* o locutor Ralph "Petey" Greene, interage pelo telefone com ouvintes e por meio do microfone Greene fala sobre direitos civis e conscientização negra. Eram os anos 60, e com a projeção do rádio, Greene passa ser visto como um dos mais importantes ativistas da época.

Este formato de programa radiofônico, em que o locutor ao dialogar com o ouvinte (utilizando ironia, sagacidade ou até mesmo a crueldade), opina e interfere na linha de pensamento do ouvinte é uma configuração mais utilizada em Rádios americanas:

Programa de opinião: o lado opinativo do apresentador predomina, tornando-se a atração principal, secundada por comentaristas e mesmo repórteres. Constitui-se por si só em uma visão quase pessoal da realidade, cujo sucesso está vinculado às polémicas geradas pelo condutor do programa. É mais comum no rádio dos Estados Unidos, aparecendo na forma dos chamados *talkshows*. (FERRARETTO, 2013, p. 66).

Os dois filmes aqui analisados (*Verdades que Matam e Fale Comigo*) trazem no enredo a proposição implícita e explícita de utilizar o rádio como meio para dar voz à desaprovação à sociedade americana naquele momento. Nos dois longas a ficção ali representada é espelhada na realidade. Em *Verdades que Matam* o personagem central da trama, locutor Barry Champlain, foi inspirado na vida do radialista Alan Berg que trabalhou em várias emissoras em Denver no estado norte-americano do Colorado e, por último, na Newsradio 850- KOA-AM, emissora onde apresentava um talk show. O apresentador, de origem judaica, era polêmico por emitir suas opiniões no ar durante as conversas ao vivo com os ouvintes. Em 18 de junho de 1984, Alan Berg foi morto a tiros por um grupo racista denominado *A Ordem* (The Order).

O roteiro do longa foi adaptado do livro *Conversei com a morte. A vida e o assassinato de Alan Berg* (Talked to death - The life and murder of Alan Berg) do escritor Stephen Singular. A obra conta a trajetória do radialista Alan Berger, desde quando foi descoberto por um apresentador de rádio quando era um vendedor de ternos em uma loja, até o seu assassinato, após ser transformado em um dos mais famosos locutores de rádio em vários estados americanos. A adaptação da obra literária de Stephen Singular para o teatro e para o cinema foi escrita pelo ator e diretor Eric Bogosian que participa do filme interpretando o próprio locutor Barry Champlain.

O filme *Fale comigo* é baseado na vida do locutor de rádio Ralph Waldo "Petey" Greene Jr um ex-detento condenado por assalto à mão armada, em janeiro de 1960. Durante o tempo em que esteve preso Ralph Waldo se transforma em um disc jockey de uma rádio interna do presídio. Em 1966, Greene foi contratado por Dewey Hughes para ter seu próprio talk-show na rádio AM WOL-1450. No ar abordava temas como racismo, pobreza, uso de drogas e direitos civis. Greene, ao contrário de outros locutores, não utilizava a linguagem radiofônica da época, ou seja, uma voz mais empostada, e sim a linguagem das ruas. E este diferencial o aproximou dos ouvintes e elevou a audiência da emissora.

Ouvinte interativo

Um ponto essencial nos dois filmes aqui analisados é a demonstração evidenciada de uma das principais características da radiodifusão: a interatividade, a interação do locutor/apresentador (transmissor) com quem está do outro lado (receptor).

Interatividade já preconizada pelo dramaturgo alemão, Bertold Brecht, que em artigo escrito entre 1927 e 1932, *Teoria do Rádio*, já avistava as potencialidades do então novo veículo de comunicação que estava surgindo:

É preciso transformar o rádio, convertê-lo de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação. O rádio seria o mais fabuloso sistema de canalização. Isto é, seria se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber; portanto, se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele (BRECHT, 2005, p.42).

Os filmes revelam o rádio como um canal de comunicação com o público. Em *Verdades que Matam* e *Fale comigo*, as audiências não são passivas, ao contrário, os ouvintes

vão além, interagem e se servem do rádio como um parceiro, um amigo, um mediador ou até mesmo uma válvula de escape para as angústias, medos e ainda como um instrumento político para pleitearem benefícios e reivindicarem sobre as mazelas da comunidade e da sociedade em que vivem.

O rádio, em qualquer de suas manifestações comunicacionais, objetiva criar uma relação de empatia com o público. É algo que envolve sentimentos de pertença, da atribuição do papel de companheiro virtual à emissora à noção de que aquela estação ou mesmo podcaster representa os anseios, os interesses, as necessidades e/ou objetivos de cada ouvinte (FERRARETO, 2014 p. 48 e 49)

A interatividade no rádio, na visão de Klockner é diferenciada da concepção de uma simples participação do ouvinte (receptor) (KLOCKNER,2011). A interação acontece quando há a comunicação ativa das duas partes de forma verbal, como um diálogo em que cada qual pode expor seus pontos de vista, com réplicas e tréplicas, como observado nos diálogos do filme *Verdades que Matam* (Anexo A) em que locutor e ouvintes conversam simultaneamente e os dois lados expõem suas ideias. Já a participação não pressupõe a forma verbal do receptor, ela pode ser feita por meios eletrônicos como a internet ou mensagens por telefone e mais atualmente pelo whatsapp.

Em seu livro *Nova retórica e rádio informativo*, Klöckner considera que a interatividade pode ser confundida com a participação. O autor enfatiza que é preciso analisar todo o contexto para diferencia-las, como por exemplo: a vontade de interagir, a atenção ao conteúdo e o igual tempo e espaço de discussão. Klockner relaciona três tipos de interatividade:

a) Completa: é o que oportuniza o diálogo direto e ao vivo, em circunstância equivalente de espaço e de tempo, com réplicas e tréplicas; b) Parcial: estabelecida quando, igualmente no mesmo tempo e espaço, o ouvinte opina, pergunta, mas não conquista um lugar ou não se interessa pela réplica ou tréplica; c) Reacional: ocorreria quando o ouvinte apenas reage a uma situação proposta no programa, sem que ele próprio exija ou obtenha uma resposta, como no caso de envio de e-mails e de torpedos à rádio que são apenas lidos no ar. (KLÖCKNER, 2011, p.126 e 127).

No filme *Fale Comigo* também há a interatividade com o ouvinte por meio do telefone e um dos destaques do longa podemos dizer que a uma interatividade reacional quando após o assassinato de Martin Luther King, Greene utilizou o rádio para acalmar o tumulto que se formava nas ruas da capital americana. Enquanto a cidade ardia em chamas, pelo microfone da AM WOL-1450, Petey Greene interagiu com ouvintes e fazia apelos para aplacar os ânimos da multidão: “ ...é um dia de trevas, deve ser um dos dias mais sombrios que já vi e olha que já vi muitos..... Então é o seguinte se você está em casa, por favor, fique em casa

e se você está na rua vá pra casa, guarda a sua raiva até esta poeira toda baixar...nós vamos triunfar...”(Talk to me, 2007 dublado).

Conclusões finais

No contexto desta análise, está a finalidade de balizar a atribuição dada ao rádio, que nasceu com a função de propagar, divulgar informação e entretenimento e foi além. Como relatado neste artigo e exemplificado com as produções cinematográficas, o rádio com suas características, como a instantaneidade, a autonomia e a sensorialidade “..envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um “diálogo mental” com o emissor (ORTRIWANO, 1985).

Ao mesmo tempo, desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um (ORTRIWANO, 1985 p. 80).

Por meio das películas aqui analisadas também foram revelados outros papéis que o rádio representa hoje, como a interatividade, a mediação e até mesmo um porta-voz. Muito adiante do simples emissor. Os ouvintes deixaram de ser passivos e servem-se do rádio, como um mediador, um parceiro.

Concluindo, pode-se dizer, sem receio de chavão, que o rádio brasileiro tem sido “o companheiro de todas as horas”, não só no âmbito individual, mas principalmente, no coletivo, e que deverá continuar desempenhando esse papel por um bom tempo ainda (HAUSSEN, 2004 p.62)

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1993.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALMEIDA, Hamilton. **Padre Landell de Moura: um herói sem glória**. São Paulo. Ed. Record, 2006.
- ALMEIDA, Hamilton, RIBEIRO, Eduardo– **O brasileiro que inventou o rádio**. Folha de São Paulo, 2010.
- A ERA DO RÁDIO. Direção: Woody Allen,EUA, Título original: Radio Days , DVD, 1987.
- AUMONT, Jacques. **Teoria dos cineastas**. Campinas: Papyrus Editora, 2002.
- BOM DIA VIETNÃ, Direção Barry Levinson, EUA , Título original: Good morning Vietnam, DVD 1987.

- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: **A idéia do cinema**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969.
- BRECHT, Bertold. **Teoria do rádio**. In: MEDITSCH, Eduardo (org). **Teorias do Rádio – Textos e Contextos**. Florianópolis: Insular, 2005.
- COSTA, Flavia C. **Primeiro Cinema** In: MASCARELLO, Fernando (org), **História do cinema mundial**, Campinas: Papyrus Editora, 2006.
- DUARTE, Rodrigo. **Indústria Cultural e meios de comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- FALE COMIGO. Direção: Oliver Stone,EUA, Título original: Talk to me,DVD, 1988
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio no ar: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.
- _____ – **O de lá e o de cá: apontamentos para uma categorização do conteúdo das emissoras comerciais brasileiras com base na influência do rádio dos Estados Unidos**, Revista Usp, ano 40, número 39- Significação 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/significacao/article/viewFile/59950/63056>
- HAUSSEN, Doris F. – **O rádio no cinema brasileiro** – pesquisa Disponível em: projetos.eusoufamecos.net/radiofam/wp.../O-rádío-no-cinema-brasileiro
- _____ **Rádio brasileiro: uma história de cultura, política e integração**
In: BARBOSA Fº, André, PIOVESAN, Angelo, BENETON, Rosana (orgs), **Sintonia do Futuro**, São Paulo:Paulinas, 2004.
- KLÖCKNER, Luciano. **Nova retórica e rádio informativo: estudo das programações das emissoras TSF-Portugal e CBN-Brasil**. Porto Alegre: Evangraf, 2011.
- LOMBARDI, Carlo. **Do pombo-correio ao sistema editorial**. In: GIOVANNINI, Giovanni (coord.) et al In.: **Evolução na comunicação: do sílex ao silício**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1987.
- MACHADO Jr, Rubens, SOARES, Rosana de Lima, ARAÚJO, Luciana Corrêa. **Estudos de cinema Socine**: São Paulo: Annablume, 2006.
- ORTRIWANO, Gisela S, **A informação no Rádio: Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**: São Paulo, Summus, 1985
- OS PIRATAS DO ROCK, Direção: Richard Curtis, EUA , Título original: The boat that rocked, DVD 2009.
- PRADO, Magaly , **História do rádio no Brasil**, São Paulo: Da Boa Prosa, 2012.
- SCHAEFFER, R. M. **Ensaio sobre rádio e o cinema**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.
- WARREN, D. –**Rádio the book. For creative Professional programming Burlington** (Massachusetts): focal Press , 2005.

ANEXO A

VINHETA: AQUI O MELHOR PAPO DO TEXAS. LINHAS DISPONÍVEIS...LIGUEM AGORA PARA

555TALK

B. Champlain: Bob, que alívio, como vai você?

Ouvinte: Ótimo. Espero que não esteja muito ocupado para me ouvir. B.

Champlain: Nenhum programa é completo sem você. E as pernas?

Ouvinte : Doem, mas sabe o que dizem ? Se te dão um limão faça uma limonada B.

Champlain : Não se chora pelo leite derramado.

Se chora sozinho

Não se perde o que não se tem

Ouvinte: Só se sabe o que se tem, quando se perde

B. Champlain : Senão perder a esperança isso também passará

Ouvinte: Porque hoje é o primeiro dia do resto de sua via

B. Champlain : Depois da tempestade vem a bonança

Ouvinte : Pensam que ser aleijado é a pior coisa do mundo.

Não penso assim. Pior seria não agradecer pelas coisas boas que recebemos todos os dias. Crianças sorrindo, flores se abrindo, pássaros cantando nos galhos, num dia lindo de primavera.

Ora, é um milagre o sol nascer todos os dias.

B. Champlain : Concordo. Especialmente sobre o sol. Mergulhamos nos problemas diários e esquecemos o que é simples.

Ouvinte: Outra coisa, sou grato ao Programa de Barry Champlain

B. Champlain: Obrigado, Bob. Preciso correr

Deus te abençoe

Ouvinte: Mais uma coisa

B. Champlain: Bob não arrisque tudo de uma vez ok?

Ouvinte: Mais vale um pássaro na mão... B.

Champlain: Boa noite, Bob.

VINHETA: AQUI O MELHOR PAPO DO TEXAS. LINHAS DISPONÍVEIS...LIGUEM AGORA PARA 555TALK

B. Champlain: Conversa da Noite . Debbie , você está no ar....

Ouvinte : (choro) Aqui é Debbie de novo.

B. champlain: Debbie. Certo. A do cabelo longo, rainha zumbi, minha fantasia.

Como vai, minha adorada?

Ouvinte: Barry, estive pensando no que me disse. B.

Champlain: sim...

Ouvinte : (choro) quero te fazer uma pergunta.

O que há de errado comigo?

B. Champlain: Debbie. Devia ver como estou me sentindo.

Nada que um cirurgião plástico ou uma dose de cianureto , não resolva
É jovem. Tem a vida toda pela frente

Ouvinte: Porque nada dá certo?

B. Champlain: Bem...primeiro deve levantar a cabeça.

Cada dia é um recomeço. Vá à luta, querida.

Ouvinte: Linda e eu íamos, mas ela se mudou para Houston B.

Chaplain: bem, ouça Debbie você tem dois braços e duas pernas?

Ouvinte: sim..

B. champlain: Você é cega?

Ouvinte: não

B. champlain: tem umbigo?

Ouvinte;(mas calma , sem chorar) sim...

B. champlain: dois umbigos Ouvinte:

não, só um!

B. champlain: Tem certeza? Já olhou ultimamente?

Ouvinte(rindo) tenho um

B. champlain: Vai se dar bem Debbie. E agora...